

AVALIAÇÃO TRANS E PÓS-OPERATÓRIA DE OSH EM GATAS REALIZADA SOB DOIS NÍVEIS DE MANIPULAÇÃO CIRÚRGICA.

Nilson Oleskovicz¹, Taís Martins², Samuel Jorge Ronchi², Karen Suzane Fuchs², Isabela Torquato de Lima³, Vanessa Sasso Padilha³, Ronise Tochetto³, Felipe Comassetto⁴, Bruna Dietzel⁴, Helena Mondardo Cardoso⁴.

¹ Orientador, Departamento de Medicina Veterinária, CAV – nilson.oleskovicz@udesc.br

² Acadêmico(a) do Curso de Medicina Veterinária, CAV - bolsista PIVIC/UDESC

³ Acadêmico(a) do Curso de Medicina Veterinária, CAV - bolsista PIBIC/CNPq

³ Professor Participante do Departamento de Medicina Veterinária, CAV

⁴ Acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal, CAV

Palavras-chave: Manipulação cirúrgica. Analgesia. Gatas.

O objetivo deste estudo foi avaliar a analgesia trans e pós-operatória, bem como a qualidade de cicatrização da ferida cirúrgica de gatas submetidas à ovariosalpingohisterectomia eletiva realizada por cirurgiões: experiente (GE) e inexperiente (GNE). Para isso, foram utilizadas 16 gatas, comprovadamente híginas, através do exame clínico e laboratorial, alocadas aleatoriamente nos dois grupos (GE e GNE, n=8). No dia do estudo os animais foram pré-medicados com acepromazina e metadona, induzidos a anestesia com propofol e mantidos com isoflurano. No trans operatório foram avaliados frequência cardíaca (FC), frequência respiratória (*f*), saturação de oxihemoglobina (SaO₂), pressão arterial sistólica (PAS), concentração de dióxido de carbono a final da expiração (EtCO₂) e concentração de isoflurano ao final da expiração (EtISO) nos momentos: T1 (imediatamente antes do início da cirurgia), T2 (10 minutos após a indução anestésica), T3 (após incisão da pele, subcutâneo e musculatura), T4 (pinçamento do 1º pedículo ovariano), T5 (pinçamentodo 2º pedículo ovariano), T6 (pinçamento da cérvix), T7 (após sutura da musculatura) e T8 (ao final da cirurgia). O resgate analgésico no trans operatório foi realizado com fentanil. O tempo total para o procedimento cirúrgico e o número de resgates analgésicos no trans operatório também foram avaliados. No pós-operatório os animais foram avaliados por meio da escala analógica visual e escala multidimensional de dor aguda em felinos por 2 avaliadores cegos ao tratamento nos momento basal (M0) e com 1 (M1), 2 (M2), 4 (M4), 6 (M6), 8 (M8), 12 (M12) e 24 (M24) horas após o término da cirurgia, onde o resgate analgésico foi realizado com morfina. Para avaliação da cicatrização cirúrgica foi utilizada uma escala, a qual avaliava hiperemia, edema, deiscência, afastamento das bordas, presença de sangramento ou seroma, crostas e tamanho da ferida. O tamanho da ferida foi padronizado em 6 cm, considerado o basal (dia 0). Os animais receberam alta 72 horas após o procedimento cirúrgico e as avaliações da cicatrização ocorreram no 3º, 7º e 14º dia de pós-operatório. A análise estatística foi conduzida com auxílio do software SigmaStat 3.0[®], sendo que para os dados paramétricos foi utilizado o teste t pareado para comparação entre grupos e ANOVA uma via seguido por SNK para comparação entre momentos. Para os dados não paramétricos foi utilizado o teste de kruskall

Wallis ANOVA uma via para comparação entre momentos e para comparação entre grupos o teste de Wilcoxon. As diferenças foram consideradas estatisticamente significativas quando $P \leq 0,05$. No trans operatório, no GNE, a FC e a PAS aumentaram significativamente em T4 e T5 em relação ao T1. Entre os grupos, GNE apresentou f maior que o GE no T3, e no EtCO₂, T3 e T4 foram maiores no grupo GE, em relação ao GNE e o EtISO foi maior em todos os momentos no GNE em comparação ao GE. O tempo cirúrgico do GE obteve média de 19 ± 7 minutos e o GNE 62 ± 17 minutos. No pós-operatório, para o observador A, no somatório de pontos da escala multidimensional de dor aguda em felinos, no GE, houve aumento em M1 em relação ao M0, e no GNE M1, M2, M4 e M12 aumentaram em relação ao M0. Para o observador B, no GNE, M1, M2 e M4 aumentaram em relação ao M0. No GE 87,5% dos animais necessitaram de resgate analgésico no trans operatório, e no pós-operatório 12,5%, já no GNE 100% dos animais necessitaram de resgate analgésico no trans operatório e no pós-operatório 50% dos animais. Na cicatrização das feridas houve diferença no tamanho e na formação de crostas, onde o GNE apresentou valores maiores em relação ao GE, no 14° dia. No GE, na avaliação do tamanho da ferida, no 7° e 14° dia houve redução do tamanho em relação ao basal (dia 0) e no 14° em relação ao 3° dia. Já no GNE encontrou-se diferença na deiscência e crostas, que no 7° dia foram maiores que no dia 0 e o tamanho foi menor no 7° e 14° dia em relação ao dia 0. Conclui-se que gatas submetidas a cirurgia por cirurgiões inexperientes necessitaram de um número maior de resgates no trans e pós-operatório, e com relação a cicatrização da ferida os cirurgiões inexperientes promoveram maior formação de crostas e maior tamanho da ferida cirúrgica.